



A gente faz panela: a experiência de mulheres acampadas goianas na construção da agroecologia

A gente faz panela: the experience of women campers from goiás in building agroecology

JALIL, Laeticia¹; MOREIRA, Sarah²; MENDES, Alba³; GUEDES, Camila⁴
¹ UFRPE laeticia.jalil@ufrpe.br; ² CPDA/UFRRJ sarahluiza1982@gmail.com, ³ FIOCRUZ alba.mendes@fiocruz.br, ⁴ CONTAG, camila@contag.org.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: As mulheres rurais são as principais responsáveis pela produção de alimentos destinados ao autoconsumo e à Segurança Alimentar e Nutricional de suas famílias. Esse trabalho que historicamente é invisibilizado e desvalorizado, é responsável pela preservação da agrobiodiversidade existente nos territórios. Numa das visitas realizadas no acampamento de reforma agrária em Arenópolis, em Goiás, escutamos de uma das mulheres que “a gente faz panela”, se referindo à forma de organizar o agroecossistema, que se diferencia dos homens pelo fato de misturar tudo no mesmo lugar. Essa diferença não é mera metáfora, mas traduz racionalidades distintas da forma de trabalhar e lidar com a produção e a natureza entre homens e mulheres. Meter o “pé na realidade” é parte da pesquisa engajada, assim como fortalece os distintos saberes, assumindo o princípio da construção do conhecimento agroecológico no diálogo de saberes e reconhecimento das distintas práticas no processo de transição agroecológica.

Palavras-chave: feminismo; cadernetas agroecológicas; sustentabilidade da vida.

Introdução

Para fortalecer as mulheres dos campos, das águas e das florestas, o GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia ANA e o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata CTA-ZM desenvolveu as Cadernetas Agroecológicas, instrumento político e pedagógico que permite sistematizar, visibilizar e fortalecer as mulheres como sujeitos políticos e fundamentais para a reprodução da vida, geração de renda monetária, segurança alimentar e nutricional e guardiãs da agrobiodiversidade. Compreendendo sua contribuição, à Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG), através da Secretaria de Mulheres, a Fundação Oswaldo Cruz Brasília (Fiocruz/DF) e o Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) desenvolveram o projeto “Gênero, Quintais Produtivos e Desenvolvimento Territorial Saudável, Sustentável e Solidário – Marcha das Margaridas” que tem o objetivo de implementar as Cadernetas junto às mulheres trabalhadoras rurais sindicalizadas e ligadas ao sistema CONTAG de 4 estados: Minas Gerais, Piauí, Goiás e Rio Grande do Sul. O projeto “Gênero, Quintais Produtivos e Desenvolvimento Territorial Saudável, Sustentável e Solidário – Marcha das Margaridas” foi resultado da



ativação de processos formativos e de governança territorial realizados através do Projeto Quintais Agroecológicos. Tais processos visam promover e valorizar o quintal produtivo agroecológico como um espaço de promoção da saúde e de formas solidárias de geração de renda, protagonizado pelas mulheres do campo, da floresta e das águas, entendendo esse espaço como um potencializador de ações visando o desenvolvimento de territórios saudáveis e solidários.

Assim, este relato se centra na experiência de implementação do Projeto no estado de Goiás, com mulheres trabalhadoras rurais acampadas. Como parte desse processo, foi realizada uma oficina territorial em Arenópolis e contamos com a participação de 47 pessoas, entre homens e mulheres, e nela foi definida coletivamente a participação de 20 mulheres que vão preencher as cadernetas durante 6 meses. Também realizamos 2 visitas de campo em dois quintais produtivos, momento que possibilitou trocar conhecimentos, experiências, mudas e sementes entre as participantes, bem como valorizar as práticas protagonizadas pelas mulheres. A metodologia das Cadernetas Agroecológicas tem o objetivo de analisar a contribuição das mulheres rurais para a economia local e para a reprodução social e do seu agroecossistema, como as unidades de agricultura familiar e camponesa. As atividades desenvolvidas na Oficina realizada no Município de Arenópolis – Goiás buscaram capacitar o público participante sobre o trabalho das mulheres e a agroecologia, assim como sobre o uso e preenchimento das Cadernetas. Esta ação possibilitou ainda animar e mobilizar as mulheres para a participação no projeto, explicando como se daria o processo de acompanhamento e monitoramento do preenchimento das cadernetas agroecológicas e participação nas demais atividades propostas.

Metodologia: A Caderneta Agroecológica e a Pesquisa-Ação Feminista em Rede

Este trabalho se baseia na metodologia da pesquisa-ação feminista em rede, que consiste em trazer reflexões analíticas a partir de vivências junto a mulheres organizadas em rede, na perspectiva feminista, em seus territórios, tendo, nesse caso, a Caderneta Agroecológica como metodologia de reflexão e ação coletiva.

A Caderneta Agroecológica é um instrumento político-pedagógico criado para mensurar e dar visibilidade ao trabalho das mulheres, ao mesmo tempo que contribui para a promoção da sua autonomia. É um instrumento de simples aplicação, formado por quatro colunas para anotação cotidiana, sendo elas: consumo, doação, troca e venda, e busca quantificar a produção protagonizada pelas mulheres nos quintais produtivos e nos diferentes espaços de seu agroecossistema. Nela é registrado tudo o que foi vendido, doado, trocado e consumido e que é resultado do trabalho dessas mulheres nos espaços geridos por elas nas unidades produtivas da agricultura familiar e camponesa ou o que foi produzido, como o artesanato e beneficiados, por exemplo.



Outro instrumento importante pensado para manter o diálogo e a troca de experiências entre as mulheres participantes, a mobilizadora local e as representantes da CONTAG, FIOCRUZ e GT Mulheres da ANA é um grupo de WhatsApp. Nesse espaço virtual, as mulheres compartilham tudo aquilo que é importante para elas em seu cotidiano, como fotos dos seus quintais produtivos e dos alimentos retirados dali para o autoconsumo, como os doces, queijos e artesanatos feitos por elas. Também são compartilhados problemas pessoais, que podem dificultar o preenchimento cotidiano das Cadernetas, além de conferidos produtos para venda. Para a coordenação, esse é um espaço para inserir temas, vídeos, conversas sobre agroecologia, a organização das mulheres e possíveis estratégias de ação coletiva.

Resultados e Discussão

Os quintais são áreas ao redor de casa onde cultiva-se de forma diversificada desde plantas para o uso medicinal e ornamental, até espécies vegetais para o consumo cotidiano da unidade familiar, contando também com a presença de pequenas criações de animais, como galinhas, patos, suínos, entre outros. Nos quintais, é muito marcante a presença das mulheres (OLIVEIRA, 2015), o que pode se dar pelo fato de estar perto da casa e relacionado com o trabalho reprodutivo e de cuidados, onde as mulheres são as responsáveis. O trabalho das mulheres nos quintais produtivos é determinante para a reprodução social e econômica das famílias, assim como na garantia da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN). A partir de uma perspectiva ecológica e feminista, o quintal não pode ser entendido isoladamente, pois diversas zonas de manejo compõem um sistema, como também os espaços de socialização e construção social, em sua diversidade e complexidade (PACHECO, 1997).

Os quintais são espaços de socialização da família, mas também de autonomia das mulheres, onde elas têm maior liberdade para escolher o que plantar e de que forma fazê-lo, mesmo que em muitos casos, isso seja limitado pela lógica da divisão sexual do trabalho que tanto marca as relações de poder que regem a agricultura familiar. Nesse sentido, percebemos como a autonomia social e produtiva das mulheres ainda é restrita em virtude da separação e hierarquização dos papéis socialmente impostas pela divisão sexual do trabalho, que decorre das relações sociais historicamente desiguais entre os sexos (KERGOAT, 2003) na definição e restrição do que é “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”. Nessa divisão, ficou sob responsabilidade das mulheres o trabalho dito reprodutivo, relacionado aos cuidados e que não é remunerado.

No sistema capitalista, o trabalho considerado reprodutivo é invisibilizado pelo fato de não ser monetarizado, o que coloca as mulheres em uma condição desigual. Em contrapartida à leitura da economia neoclássica, a economia feminista reconhece a importância do trabalho reprodutivo como fundamental para a reprodução da vida (CARRASCO, 2017), inclusive mostrando como ele é fundamental para a realização de todo o trabalho considerado produtivo, e busca devolver às mulheres seu lugar



de protagonismo, essencial para a reprodução social e para a sustentabilidade da vida. As mulheres também protagonizam as relações de reciprocidade e solidariedade, fundamental para o fortalecimento dos tecidos sociais.

Em diálogo com tais reflexões, as conversas realizadas na oficina territorial, especialmente no espaço do trabalho em grupo estimulado por perguntas sobre o que elas consideram trabalho e como a sociedade vê o trabalho das mulheres, as participantes trouxeram relatos profundos sobre a sobrecarga de trabalho que vivem em seu cotidiano, expressas em cansaço constante, na falta de momentos de lazer e autocuidados e em problemas de saúde mental. Falaram ainda sobre como as atividades realizadas por elas ainda não são valorizadas ou são percebidas apenas quando o trabalho doméstico, por exemplo, não é realizado. No entanto, também trouxeram várias experiências diárias de resistência, de enfrentamento ao machismo, com a participação delas nos espaços de participação dos sindicatos, das cooperativas e associações, e nos âmbitos de comercialização como as feiras da agricultura familiar no município.

Nas visitas a dois quintais produtivos das participantes, foi rica a troca de experiências e conhecimento sobre as plantas medicinais e seus usos, sobre as sementes, sobre as ações que vem sendo desenvolvidas para a preservação da biodiversidade, expressa, por exemplo, nos 10 tipo de abóboras produzidas e reproduzidas pela agricultora Geneci, além das 5 espécies de galinhas em seu galinheiro e das 6 variedades de pimentas em uma pequena área ao redor de sua casa construída há pouco mais de 2 anos. No segundo quintal visitado, foi possível ver alternativas de manejo e armazenamento de água, além das práticas de cultivo e manejo agroecológico da mandioca, que expressam desejos, sentidos e racionalidades distintas.

Conclusões

O Projeto ainda está numa primeira fase de implementação, mas a experiência demonstra a necessidade de termos processos coletivos de fortalecimento das mulheres rurais. A proposta surge com esse objetivo e dialoga com a realidade delas, ganhando força na sua implementação, mas sobretudo na articulação política delas em seus territórios. Tendo a metodologia feminista como orientadora, essa ação se propõe a reconhecer as mulheres rurais como portadoras de saberes fundamentais para a reprodução da vida. A partir dessa iniciativa, outras possibilidades estão sendo criadas a partir desse processo, visto que a construção histórica negou a elas o conhecimento formal e seus saberes seguem sendo invisibilizados e/ou desvalorizados (JALIL; COSTA; OLIVEIRA, 2017), pois a ciência cartesiana é incapaz de compreender a importância dos processos protagonizados por elas, bem como a economia clássica insiste em invisibilizar o trabalho reprodutivo, considerando-o uma externalidade. Destacamos a riqueza de quando as mulheres participantes dizem: *“aqui a gente faz panela”*, se referindo à forma de organizar o agroecossistema, que se diferencia dos homens pelo fato de misturar tudo no mesmo lugar. Essa diferença não é mera metáfora, mas traduz as



racionalidades distintas da forma de trabalhar e lidar com a produção e a natureza entre homens e mulheres.

O reconhecimento da construção de saberes/fazeres socializados pelas mulheres, assim como o fortalecimento da autonomia e dos processos de auto-organização das mulheres, caracteriza a diferença metodológica do presente trabalho. Esse trabalho reflete racionalidades distintas das mulheres no que se refere ao sentido e significado de suas produções, pois muito do que produzem não se relaciona apenas à lógica de mercado e é direcionado à sustentabilidade da vida.

Agradecimentos

Agradecemos as Mulheres de Arenópolis, a secretaria de mulheres da CONTAG, ao GT Mulheres da ANA e à Fiocruz.

Referências bibliográficas

ALVES, Luciana Medeiros; ALVARENGA, C.; CARDOSO, E.; et.al. **Caderneta agroecológica e os quintais: Sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil**. Minas Gerais: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, 2018.

CARRASCO, Cristina, **A Economia Feminista: Um Panorama Sobre o Conceito de Reprodução**, RevistaEkonomiaz. Revista Vasca de Economía, número 91 (I-2017), pp. 50-75.

KERGOAT, Danièle, **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**, Caderno nº 3 da Coordenadoria Especial da Mulher: Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres Desafios para as Políticas Públicas, São Paulo, 2003.

JALIL, Laeticia. **Rede feminismo e agroecologia do Nordeste/** Laeticia Medeiros Jalil, Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Maria do Socorro de Lima Oliveira. – 1. ed. Recife: Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, 2017. 198 p.:il.

OLIVEIRA, Rafael Monteiro, **Quintais e Uso do Solo em propriedades Familiares**, Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - Minas Gerais - Brasil 2015.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. **Sistema de produção: Perspectiva de gênero**. Proposta. Rio de Janeiro, v.25, n.71, dez. fev. 1997.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. 2009. 291 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.